

MINISTRANDO AULA NO NOVO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

ROGER BRUNO DE MENDONÇA¹; MATHEUS DE LIMA RUFINO²; ADRIANE DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA³; ALESSANDRO CURY SOARES⁴; BRUNO DOS SANTOS PASTORIZA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – rogerbruno2009@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – matheusrufinolima08@gmail.com

³Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Joaquim Duval - adriane-doliveira292@educar.rs.gov.br

⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – alessandrors80@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – bspastoriza@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo relatar uma das experiências vivenciadas por um graduando do curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Pelotas, através do Programa Residência Pedagógica (PRP) em uma das aulas que foram ministradas em uma disciplina (itinerário formativo) proposta pelo novo Ensino Médio. Desta maneira, torna-se importante a existência do PRP para a formação de professores, pois é um espaço de exercer a profissão, refletir sobre as ações e construir o conhecimento docente.

No Brasil, houve algumas mudanças substanciais a qual justificam esse relato. Mais especificamente o novo Ensino Médio, institucionalizada pela Lei nº. 13.415/2017, imposto pelo Governo de Michel Temer.

Essa proposta, tem como intuito reduzir a carga horária da formação básica, e adicionar os itinerários formativos¹. Estes estão divididos em Eletivas e às Trilhas de Aprendizagem que estão estruturadas em: linguagens e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias, ciências da natureza e suas tecnologias, ciências humanas e suas tecnologias e formação técnica profissional (quando houver oferta). É determinado, também, que as demandas e necessidades contemporâneas que as demandas e necessidades contemporâneas, os diferentes interesses dos estudantes, o contexto local e as possibilidades de oferta dos sistemas de ensino ou de suas instituições sejam sempre levados em consideração ao se definir as ofertas (BRASIL, 2018).

Acerca do novo Ensino Médio, a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta algumas proposições, objetivos e justificativas, com o intuito de “remodelar” o Ensino Médio que tínhamos para esse “novo modelo” que é reproduzido em diversas escolas estaduais do Estado do Rio Grande do Sul. A proposta contempla um único currículo do Ensino Médio mais diversificado e flexível, sendo assim, organizado com as disciplinas de formação geral básica e as disciplinas de itinerários formativos¹.

Contudo, é importante pensarmos sobre a flexibilidade do currículo proposto para o Novo Ensino Médio, pois isso implica que os estudantes terão a oportunidade de “escolher” em qual área do conhecimento desejam se aprofundar. Além disso, podemos refletir sobre como as instituições de ensino irão ofertar esses itinerários, visto “que a estratégia para definição de como será organizada a oferta dos itinerários pode variar, a depender das características e diagnóstico da rede” (BRASIL, 2018, p. 53). Isso quer dizer que a rede estadual irá delimitar quais serão

¹ Os itinerários formativos são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio (BECKSKEHAZY, 2017).

os itinerários que cada escola irá ofertar de acordo com sua relevância para o contexto local e se a escola tem estrutura para ofertar o itinerário formativo (estrutura física, materiais, laboratórios, recursos humanos).

A partir dos referenciais citados acima, e do que foi proposto pelo governo com base nas diretrizes que os estados devem seguir quando se trata da educação básica, nas próximas seções será discutida e relatadas as percepções de um graduando, inserido no PRP frente a realidade de uma escola pública da cidade de Pelotas/RS a qual oferece os itinerários formativos no novo Ensino Médio.

2. METODOLOGIA

Este trabalho tem como caráter qualitativo (OLIVEIRA, 2016), inspirado na Observação Participante (OP) da realidade, que se enquadra na modalidade de pesquisa descritiva com o objetivo de entender e descrever os fenômenos para compreendê-los de diversas formas (GIL, 2002).

O estudo foi realizado em uma escola estadual, localizada na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, junto aos estudantes matriculados no 3º ano do Ensino Médio, turno matutino, na qual a turma era composta por 19 alunos. A disciplina a qual ministrei está inserida no itinerário formativo do novo Ensino Médio, intitulado Noções de Farmácia.

A disciplina foi ofertada com 3 aulas/horas de 45 minutos cada. Ao total foram X aula ministradas nas quais busquei explorar o máximo de metodologias possíveis, portanto utilizei ferramentas digitais, como o Kahoot! metodologias ativas de ensino além de seminários realizados pelos estudantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o PRP, tive a oportunidade de atuar em uma escola Estadual da cidade de Pelotas que oferece o Novo Ensino Médio. Fui destinado para trabalhar com uma turma de 3º ano, como dito anteriormente, em uma disciplina de Noções de Farmácia, sendo essa uma das alternativas dentro dos itinerários formativos oferecidos pela escola. Quanto a escolha dos itinerários formativos, de acordo com as diretrizes elaboradas pelo governo, tanto as redes e sistemas de ensino quanto às respectivas escolas devem se organizar para oportunizar um processo que converse com os anseios e as expectativas dos estudantes e com a realidade local, considerando as possibilidades de oferta na região pois “[...] cabe à equipe escolar apresentar aos alunos, de maneira detalhada, as explicações sobre os itinerários: quais a instituição oferece e o que cada um envolve.” (CECÍLIO, 2019, p. 1). Porém, isso não ocorre na prática, na escola aqui relatada, esse processo não ocorreu, os alunos foram designados aos diferentes itinerários formativos de acordo com a demanda de alunos e de acordo com a possibilidade de alguns professores que possam ministrar essa disciplina em específico.

Ainda, vale ressaltar que essa “possibilidade de algum professor que possa ministrar a disciplina” é algo extremamente frágil, pois como ocorreu no caso da Escola a qual lecionei, é destinado um professor da área mais “próxima” daquele que é ofertada pelo itinerário formativo, valorizando o possível “notório saber” em detrimento da formação sólida em seu campo, o que no mínimo questionável ou ainda desrespeitoso. Portanto, no itinerário oferecido de Noções de Farmácia, a escola destina um docente de Química para lecionar. Isso é algo que vai impactar diretamente a formação dos estudantes, já que o professor regente não é da área que a disciplina ofertada. Olhando pela perspectiva do professor, e com base em minha experiência, o professor deve se debruçar em assuntos e planejamentos a qual ele não foi preparado, isso sem nenhum apoio da diretoria, da área pedagógica ou da secretaria de educação (área governamental).

Quando pensamos no novo Ensino Médio, somos diretamente levados a pensar sobre o currículo, acerca disso, deve-se levar em consideração que, a construção do currículo escolar também é tomada como instrumento político – acrescentando ou excluindo certos conhecimentos em prol de interesses nem sempre declarados (SANTOMÉ, 1995).

Nesse contexto que o autor acima traz, é possível e necessário refletir sobre a exclusão de assuntos transversais, como discussões de gênero e sexualidade na ciência, construção da cidadania, entre outros, como discutem as autoras PICCININI e ANDRADE (2018, p. 47): “[...] chegam a excluir questões fundamentais para a concretização dos objetivos prescritos no próprio documento, como a construção da cidadania, do respeito mútuo e da solidariedade, com a exclusão do debate sobre gênero e sexualidade.” Sendo assim, focando em um ensino totalmente voltado a profissionalização dos estudantes, deixando de lado assuntos que buscam um pensamento crítico acerca da sociedade.

O preenchimento do atual currículo do novo Ensino Médio, com disciplinas e “itinerários” que vão ao encontro com uma educação baseada na formação para o mercado de trabalho, inviabiliza a educação e o conhecimento crítico dos alunos com base em uma construção de uma sociedade mais igualitária e justa para todos. Nesse sentido, SILVA (2019, p. 355) traz algumas críticas sobre a construção desse currículo:

“O que tem por trás da reforma é a questão do controle e limitação no acesso ao conhecimento, em decorrência da desobrigação na oferta de determinadas disciplinas, ao longo de todas as etapas do Ensino Médio. A discussão empreendida evidencia que a reforma fragiliza a formação no Ensino Médio, não cumpre as finalidades formativas dessa etapa e desvaloriza a qualidade da formação escolar, atendendo demandas econômicas, principalmente a expansão capitalista via mercantilização do ensino público ou fortalecimento do setor privado.”

Com isso, veio com ela diversas dúvidas e questionamentos nas diferentes áreas do conhecimento. No Ensino de Química, foram feitas críticas em eventos por parte das entidades, como por exemplo a Sociedade Brasileira de Química (SBQ), algumas dessas críticas vão ao fato de que as escolas oferecem pouca ou nenhuma estrutura referente ao acesso à tecnologia, desconsiderando também a desvalorização do professor, a hierarquização dos conhecimentos e ainda descrevem: “Não problematizar a oferta dos itinerários formativos no sentido de que, na falta de professores, principalmente de Química/Ciências, as escolas não conseguirão oferecer todos os itinerários propostos.” (SBQ, 2018, p. 3).

Ainda nesse sentido, a SBQ (2018, p. 3) traz outros pontos referentes a reforma, que vai de encontro com o que foi dito anteriormente:

“Não problematiza a oferta dos itinerários formativos no sentido de que, na falta de professores, principalmente de Química/Ciências, as escolas não conseguirão oferecer todos os itinerários propostos. Sabe-se que o déficit de professores das áreas de Ciências (Química e Física) é grande no país e isto pode configurar muitas escolas que não irão ofertar o itinerário de Ciências da Natureza e suas tecnologias.”

Algo imprescindível para área das exatas, especificamente quando se trata de ciências químicas e farmacêuticas, é o uso de laboratório como apoio para o ensino e aprendizado. Porém, poucas escolas estaduais têm essa estrutura para oferecer um ensino de qualidade quando se trata de recursos, sendo algo

perceptível na escola a qual atuei, existe uma falta de estrutura para que esses itinerários sejam de fato explorados pelos professores. Falta de internet para os alunos, falta de reagentes nos laboratórios de ciências (ainda mais quando se trata de um itinerário voltado para noções de farmácia), ficando ainda mais limitado. Portanto, me parece uma mudança que fragiliza a educação pública, a valorização da profissão docente além de ser uma educação voltada para o mercado de trabalho.

4. CONCLUSÕES

Com a reforma do novo Ensino Médio, é indispensável pensar sobre as novas propostas feitas pelo governo que estão presentes nas diretrizes educacionais. Se tratando de um relato de experiência, o trabalho buscou apontar as principais problemáticas relacionadas a um professor de Química que atua em um dos itinerários formativos proposto pela escola, que não vai de encontro com sua formação. Ainda, é importante destacar de como esses itinerários formativos deveriam ser ofertados aos alunos e como de fato é realizado na escola, tendo uma grande diferença na proposta, o que está no papel, e o que de fato acontece na realidade.

Portanto, o PRP se fez importante para minha formação, pois me possibilitou transpassar por diversos caminhos que a prática docente oferece, além de ser um local destinado para que a gente possa conhecer e refletir o que está sendo realizado nas escolas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Guia de implementação do novo Ensino Médio, 2018.

CECÍLIO, C. Novo Ensino Médio: como preparar os alunos para escolher itinerários formativos, 2019. **Nova Escola**, Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18760/novo-ensino-medio-como-preparar-os-alunos-para-escolher-itinerarios-formativos>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

PICCININI, Cláudia Lino; ANDRADE, Maria Carolina Pires de. O ensino de Ciências da Natureza nas versões da Base Nacional Comum Curricular, mudanças, disputas e ofensiva liberal-conservadora. **Revista de Ensino de Biologia da Sbenbio**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 34-50, jan. 2018.

SANTOS, D. S. Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs): Uma Abordagem no Ensino Remoto de Química e Nanotecnologia nas Escolas em Tempos de Distanciamento Social. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, [s. l.], v. 2, n. 7, p. 15-25. 2021.

SANTOMÉ, J.T. **As culturas negadas e silenciadas no currículo**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 159-177.

SILVA, A. de S. Afinal, para quem serve a reforma do ensino médio? In: **Anais Eletrônicos do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia: Políticas, linguagens e trajetórias**. Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019. p. 3553-3564.